



BATISTAS E METODISTAS EM BELO HORIZONTE, MG: INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS DE SUA INSERÇÃO NA CIDADE

Taciana Brasil dos Santos

Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). *E-mail:* tacionabrasil@yahoo.com.br

RESUMO

A cidade de Belo Horizonte, inaugurada em 1897, foi projetada para ser a capital ideal, símbolo da República e da modernidade. De acordo com esses princípios, foi distribuído o espaço público para a construção de templos e edifícios religiosos católicos e protestantes. Entre os protestantes, porém, há um ponto de tensão no que diz respeito à permanência na cidade planejada: enquanto os metodistas se estabelecem em um terreno próximo à principal avenida da cidade, aos batistas só é possível se estabelecer fora do contorno oficial. Este trabalho busca compreender, por meio de aportes da Geografia das Religiões, a forma como os metodistas e os batistas ocuparam o espaço que lhes foi acessível na nova capital. É possível perceber que, enquanto os metodistas ocupavam o espaço enfatizando seus serviços de culto, os batistas enfatizavam seus serviços educacionais. Essa opção de ênfase também é percebida na postura de ambos os grupos com relação às instituições católicas às quais se avizinhavam. Tais fatores levam a concluir que a forma de ocupação do espaço pelos grupos está de alguma maneira relacionada às suas crenças e expectativas perante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia das Religiões. Espaço religioso. Cidade planejada. Modernidade. Igrejas Batista e Metodista.

1. INTRODUÇÃO

As Ciências da Religião estudam as especificidades da(s) religião(ões) e o fenômeno religioso, de forma interdisciplinar, contribuindo para a superação de reducionismos e dogmatismos. Busca-se realizar uma abordagem tão imparcial quanto possível (DREHER, 2008). A abordagem do estudo das religiões, de acordo com Camurça (2008), perpassa o caráter pluridisciplinar e a diversidade metodológica comuns à área. Greschat (2005) enfatiza que a interpretação de cada cientista partirá das premissas e dos pressupostos de sua área de conhecimento.

Para Hock (2010, p. 13), “A Ciência da Religião é a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e de religiões”. Sobre o caráter empírico da disciplina, Usarski (2007) enfatiza o aspecto da localização de seus objetos no contínuo espaço-tempo. Tais objetos são analisados a partir das premissas de várias áreas do conhecimento, entre elas as ciências sociais, consideradas por Dreher (2008) disciplinas auxiliares no estudo da religião.

Entre as áreas das ciências sociais, neste trabalho destacaremos uma de suas subáreas, alocada entre as demais ciências humanas: a geografia, e sua relação com o estudo da religião. Embora essa seja uma área pouco explorada nos estudos da religião, Usarski (2007) ressalta a importância de suas contribuições para as Ciências da Religião.

Sobre a contribuição da geografia para a compreensão da religião, Hock (2010, p. 183) esclarece:

A Geografia da Religião dedica-se de modo sistemático às relações entre a religião e o meio ambiente geográfico. No entanto, ela não deve ser confundida com a Geografia Religiosa ou mítica, a qual se refere aos conceitos acerca da terra e de todo o cosmo presentes em várias tradições religiosas, bem como ao estudo religioso dessas tradições.

Ao relacionar as duas áreas, a Geografia da Religião enfoca tanto a determinação do ambiente pela religião quanto a determinação da religião pelo ambiente. Não se pode, porém, falar de uma determinação imediata da religião pelo meio ambiente, antes, a percepção e a interpretação do meio ambiente

é que influenciam a religião (HOCK, 2010). Para Greschat (2005), o interesse dos geógrafos relaciona-se às formas de hábitat influenciadas pela religião.

Gil Filho (2013, p. 278), ao apresentar o pensamento de Deffontaines, afirma que, além das esferas materiais da terra, existe também a noosfera, a esfera do pensamento, que envolve o imaterial contido na paisagem:

O ser humano, no seu processo de adaptação ao ambiente, submete a terra a partir de seu pensamento, atribuindo significados às realidades naturais e sobrenaturais. Esse fundamento implica uma Geografia do *Homo religiosus*.

De acordo com Usarski (2007), os lugares considerados sagrados por um grupo religioso só assim se tornam porque essa qualidade lhes é atribuída. Os membros da comunidade religiosa consentem que aquele lugar tenha um caráter especial e, assim, passa a ser. As crenças, normas e atitudes religiosas deixam suas marcas na paisagem. Esse é um aspecto que deve ser considerado quando se analisa a relação dialética entre espaço e religião.

Este trabalho considerará os aportes da Geografia da Religião ao interpretar a forma de ocupação do espaço por metodistas e batistas, na ocasião da fundação de Belo Horizonte. Para realizar essa análise, serão consultadas fontes documentais, como: fotos, livros, periódicos, cartografia. Os documentos serão analisados procurando não apenas descrever a forma de ocupação do solo por essas duas denominações protestantes, mas também interpretar os significados que tais ações poderiam ter para os grupos estudados.

2. CIDADE, MODERNIDADE E PRÁTICAS RELIGIOSAS

Para compreendermos os fatos relacionados à nossa pesquisa, é necessário considerar aspectos relacionados à fundação de Belo Horizonte. Sendo a primeira capital a ser inaugurada no período republicano (1897), a cidade tinha um considerável peso simbólico. Por um lado, vinha unificar as regiões

cafeeiras (Sul e Zona da Mata) e o Vale do Rio Doce, assolados por reivindicações separatistas à época (RESENDE, 1982). Por outro lado, vinha como um elemento simbólico e pedagógico, projetada para se tornar o símbolo do novo e da República (MELLO, 1996).

A nova capital, de ruas e avenidas largas e geométricas, que não permitia a ninguém andar por suas ruas sem ser visto, dividia opiniões. Enquanto alguns a consideravam artificial, poeirenta e sem população, outros a julgavam um símbolo da modernidade, e até mesmo uma cidade celestial (JULIÃO, 1996).

Outro elemento a se considerar diz respeito à transferência de um grande número de migrantes e imigrantes para a cidade, que vinham devido à transferência da sede administrativa de Ouro Preto ou mesmo em busca de uma nova oportunidade de vida. Belo Horizonte tornou-se uma cidade que simbolizava a possibilidade de construção de uma nova vida, refazendo a mentalidade de seus novos moradores. Esperava-se que abandonassem a realidade colonial e provinciana em prol da adoção de valores civilizados e modernos (JULIÃO, 1996).

Há que se considerar que essa quebra de vínculos da população, que se instalava na nova capital, era particularmente interessante aos missionários protestantes que trabalhavam no Brasil nessa época. O processo de rompimento pelo qual os novos moradores estavam passando criava a possibilidade da construção de novas relações sociais. Talvez esse fosse o melhor momento para trazer mais prosélitos às suas instituições eclesásticas. Além do mais, a busca pelo êxito pessoal e o progresso da sociedade, experimentado por muitos dos novos moradores, pareciam concordar mais com os ideais de modernização, liberalismo e capitalismo das denominações protestantes que com os ideais católicos experimentados à época (RAMALHO, 1976).

3. PANORAMA RELIGIOSO DA NOVA CAPITAL

Embora o catolicismo tenha perdido sua posição de religião oficial na ocasião da promulgação da primeira Consti-

tuição Republicana (1891), ainda assim se pode considerar que, nesse período, ser um bom cidadão era diretamente relacionado a ser um bom católico. Embora o ensino nas escolas públicas fosse declarado laico, a Igreja Católica continuava considerando sua missão educativa um direito divino e natural, e constantemente reivindicava o retorno oficial do Ensino Religioso (PASSOS, 2002).

Além do catolicismo, o protestantismo de missão também se fazia presente nessa capital, na presença principalmente de metodistas e batistas.

Os metodistas chegaram à região quando ainda era chamada de Curral Del Rey, em 1890. Embora não tenham sido bem recebidos, continuaram tentando ter acesso à comunidade – o que só conseguiram em 1892. O lento crescimento continuou durante o período de construção da nova capital e seus primeiros anos. Durante a gestão do quinto prefeito da cidade, Bernardo Monteiro, o reverendo responsável expôs os planos que a denominação tinha, relacionados à construção de um templo, uma escola e uma casa pastoral. Prontamente o prefeito doou o terreno na parte central da cidade. Em 1905 foram inaugurados o templo e o Colégio Izabela Hendrix (BARRETO, 2005).

Os batistas também chegaram à região de Belo Horizonte ainda no século XIX. Uma família carioca convertida e duas missionárias norte-americanas compunham a frente de trabalho da igreja, fundada em 1897. Embora tenham chegado a fundar uma escola isolada, a pressão dos católicos mais radicais fez com que encerrassem suas atividades (OLIVEIRA, 1999). Apenas em 1912 o trabalho batista é retomado, e funda-se uma igreja. O trabalho educacional é retomado em 1918, com a fundação da Escola Batista de Belo Horizonte. Tanto a iniciativa eclesial quanto a educacional dos batistas tomaram novo ânimo com a compra de um terreno no bairro Floresta, onde edificaram sua sede própria (*O JORNAL BATISTA*, 1982).

De acordo com Barreto (2005), pode-se justificar a abertura encontrada pelos metodistas em Belo Horizonte por sua vinculação direta com a perspectiva liberal, que assumia expressivos contornos entre os grupos políticos da época. A origem norte-americana da Igreja Metodista a associava ao

conceito moderno, democrático e liberal que se tinha a respeito dessa nação. Por sua vez, os batistas eram um grupo minoritário nos Estados Unidos, pregavam uma fé empírica e emocional, assumida por meio do espetáculo público do batismo (WEBER, 1974). Talvez esse tipo de prática religiosa não atendesse da mesma forma às expectativas modernizadoras presentes na nova capital. De acordo com um livreto sobre o trabalho educacional metodista em Minas (IZABELA HENDRIX, 2004, p. 3):

[...] dentre as denominações protestantes, a metodista era, por excelência, portadora dos ideais liberais norte-americanos que convinha imitar e seguir na caminhada em direção ao progresso e à modernidade.

4. EXPRESSÃO E INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE POR MEIO DA OCUPAÇÃO DO SOLO

De acordo com Barreto (2005), o terreno recebido pelos metodistas foi um quarteirão na parte central da cidade, a Avenida Afonso Pena, ladeado pelas ruas Espírito Santo, Tambois e Bahia. Alguns aspectos relacionados à ocupação desse terreno devem ser observados.

O templo foi edificado voltado para a Avenida Afonso Pena, via principal da nova cidade. De acordo com Barreto (2005), o templo metodista teve seu projeto inspirado nos edifícios no entorno do Palácio da Liberdade, o que ressaltava seu compromisso com os ideais liberais e republicanos. Há que se observar que, do outro lado da avenida, localizava-se a Igreja São José, templo católico notório por sua arquitetura imponente. Ao escolher edificar o templo metodista defronte ao católico, demonstrou-se uma postura de enfrentamento perante a religião dominante no país à época. Esse embate, porém, era proporcional ao tamanho das construções envolvidas: enquanto a edificação católica é vista ao longe, a construção metodista sequer aparecia em fotos panorâmicas da

avenida, por ser encoberta por outros elementos da paisagem (ROSA, 2010).

Figura 1 – Vista parcial da Avenida Afonso Pena¹



Fonte: Rosa (2010, p. 106).

Ao colégio coube a face do terreno voltada à Rua Espírito Santo (BARRETO, 2005) – fato emblemático se considerarmos que o nome do logradouro se relaciona a Terceira Pessoa da Trindade na ortodoxia cristã, comumente representada como responsável por conduzir os fiéis. Edificou-se um prédio em estilo norte-americano, o que vai ao encontro das principais expectativas dos brasileiros sobre a presença dos protestantes a esse tempo: a oferta de uma educação de qualidade, em conformidade com os princípios da modernidade (MENDONÇA, 2008).

¹ Fotografia da década de 1930. Os números foram acrescentados para identificar as edificações: 1 = localização do templo metodista, eclipsado entre as demais construções e 2 = Igreja São José e toda sua imponência.

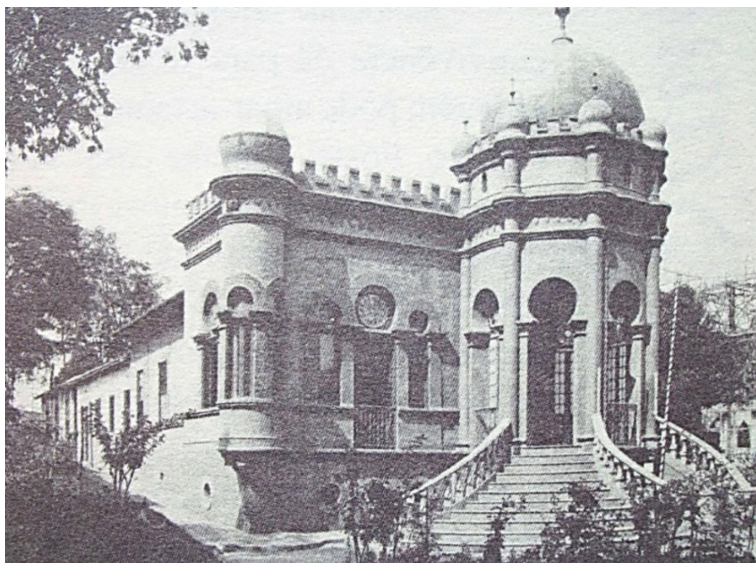
Figura 2 – Vista de Belo Horizonte do alto da Igreja São José²

Fonte: Rosa (2010, p. 82).

Os batistas, ao tentarem se estabelecer na Belo Horizonte do início do século XX, tiveram muita dificuldade em alugar imóveis adequados a seu trabalho eclesiástico e escolar. De acordo com relatos de fiéis da época (*50 ANOS*, 1968), muitos senhorios não aceitavam alugar seus imóveis para organizações protestantes. Foi então que decidiram solicitar verba, de sua base missionária nos Estados Unidos, para participar do leilão do Palacete Sabino Barroso e do terreno anexo, localizado no bairro Floresta. Os batistas liquidaram a propriedade de 225.109 m², equivalente a quase todo o bairro. Embora fosse um imóvel valioso e estratégico, sua localização fora do contorno da cidade planejada colocava-os em desvantagem perante a situação dos metodistas.

² Fotografia tirada entre 1906 (inauguração do templo metodista) e 1920. Os números foram acrescentados para identificar as edificações: 1 = templo e 2 = Colégio Izabela Hendrix.

Figura 3 – Palacete Sabino Barroso



Fonte: Silva (1996, p. 20).

Assim, os batistas procuram compensar sua situação no aproveitamento do terreno. Embora não tenham podido demarcar seu território dentro da cidade planejada, aproveitaram a topografia do terreno para edificar edifícios majestosos que seriam vistos por praticamente toda a capital. Conforme descrito em *50 anos* (1968), no ponto mais alto, edificou-se o prédio principal de aulas da instituição escolar, em estilo norte-americano, repleto de elementos simbólicos, e que fita, de longe, o Palácio da Liberdade, símbolo do governo republicano em Minas. Ao seu redor, foram edificados prédios de aula bem maiores que os metodistas, além de um internato feminino, projetado por Raffaello Berti³, um dos arquitetos modernistas mais famosos de então. Tais elementos afirmam o compromisso do educandário batista com os ideais modernos, republicanos e americanistas.

³ Berti projetou diversas outras importantes obras na capital, como o Palácio Arquiepiscopal, a sede social do Minas Tênis Clube, a Prefeitura de Belo Horizonte, o Colégio Metodista Izabela Hendrix (prédio da Rua da Bahia), a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital Felício Rocho, o Hotel Itatiaia (Praça Rui Barbosa) e o Cine Metrôpole. Para obter mais informações sobre sua obra, ver Abreu (2009) e Berti (2000).

Figura 4 – Vista aérea dos prédios do Colégio Batista Americano Mineiro⁴



Fonte: Silva (1996).

A dose de enfrentamento ao catolicismo por parte dos batistas é garantida pela manutenção do internato masculino no Palacete Sabino Barroso, localizado em frente ao Colégio Santa Maria – à época, um internato feminino católico. Talvez essa prática soasse ofensiva às famílias que consideravam a instituição um lugar completamente isolado do mundo (e do sexo masculino) para educação de suas meninas.

Embora os batistas tenham sabido aproveitar bem seu terreno e localização para a construção de prédios escolares, não se percebe a mesma ênfase na construção de templos⁵. De fato, à época, a Primeira Igreja Batista mudou-se do centro para o Barro Preto, onde alcançou número mais expressivo de convertidos (*O JORNAL BATISTA*, 1982). Após a aquisição do terreno, mesmo o envio de missionários para Belo Horizonte contemplava mais aspectos ligados à capacidade como educador do que à capacidade pastoral (*50 ANOS*, 1968). Tal priorização possibilitou que a instituição belo-horizontina se tornasse um dos principais colégios batistas do Brasil, de funcionamento ininterrupto desde sua fundação.

⁴ Foto não datada, posterior a 1950. Os números foram acrescentados com função didática: 1 = edifício da Rua Ponte Nova, 2 = Edifício Efigênia Maddox, 3 = templo da Igreja Batista da Floresta e 4 = prédio de aulas do Colégio Batista.

⁵ A construção da Igreja Batista da Floresta, retratada na Figura 4, só se deu após a década de 1950, quando a denominação já estava estabelecida em Minas Gerais e na capital.

5. CONCLUSÃO

Este artigo objetivou demonstrar como a ocupação do solo por batistas e metodistas, à época da fundação de Belo Horizonte, revelava parte de suas expectativas e princípios para o trabalho missionário.

Pode-se observar uma relação entre espaço e identidade das denominações envolvidas. Ao mesmo tempo que as denominações utilizavam o espaço para afirmar suas identidades e princípios, também moldavam a paisagem da nova capital com elementos de sua própria interpretação da realidade. Tais práticas criaram uma noosfera particular em Belo Horizonte, demarcando características de cada denominação protestante, a disputa entre elas e a disputa com o catolicismo.

Podemos perceber nas práticas protestantes de ocupação de seus terrenos em Belo Horizonte a preocupação em enfatizar seu projeto educador e a filiação dele a princípios liberais, modernizantes e americanos. Tal prática concorda com a esperança de salvação social via educação praticada pelo protestantismo de missão nesse período.

BAPTISTS AND METHODISTS AT BELO HORIZONTE, MG: HISTORICAL AND GEPGRAPHICAL INTERPRETATIONS OF ITS INSERTION IN THE CITY

ABSTRACT

Belo Horizonte city, inaugurated in 1897, was designed to be the ideal capital city, symbol the Republic and the Modernity. In accordance with these principles, the public space was distributed to construction temples and religious buildings Catholic and Protestant. Among Protestants, however, there is a stress point with regard to city planning: while the Methodists are established on a plot next to the main avenue of the city, the Baptists can only be established outside the official contour. This paper intends to understand, through contributions of Geography of Religions,

the way the Methodists and Baptists occupied the space that was available to them in the new capital. You can see that while the Methodists occupied space emphasizes their worship services, Baptists emphasized its educational services. This is also seen in the attitude of both groups concerning to Catholic institutions which lay ahead. These factors support a conclusion that the shape of the space occupation of the groups is somehow related to your beliefs and expectations facing the society.

KEYWORDS

Geography of Religions. Religious space. Planned city. Modernity. Baptist and Methodist churches.

REFERÊNCIAS

50 ANOS: 1918-1968. Belo Horizonte: Colégio Batista Mineiro, 1968.

ABREU, R. *Memória da cidade*: Raffaello Berti. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Secretaria Municipal da Cultura, 2009.

BARRETO, J. M. O metodismo em Belo Horizonte: inserção e desenvolvimento. *Revista de Educação do Cogeime*, Piracicaba, v. 14, n. 26, p. 125-134, jun. 2005.

BERTI, S. M. *Raffaello Berti arquiteto*: projeto memória. Belo Horizonte: AP Cultural, 2000.

CAMURÇA, M. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

DREHER, L. H. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 151-178.

GIL FILHO, S. F. Geografia da religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 275-286.

GRESCHAT, H.-J. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

HOCK, K. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

IZABELA HENDRIX: cem anos. Belo Horizonte: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2004.

JULIÃO, L. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, E. de F. (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

MELLO, C. B. de. A noiva do trabalho: uma capital para a República. In: DUTRA, E. de F. (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 11-48.

MENDONÇA, A. G. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008.

O JORNAL BATISTA – Edição do Centenário. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 15 out. 1982. Edição comemorativa.

OLIVEIRA, Z. M. de. *Perseguidos, mas não desamparados: 90 anos de perseguição religiosa contra os batistas brasileiros (1880-1970)*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

PASSOS, M. Entre a fé e a lei: o pensamento educacional no período republicano (1889-1930). In: LOPES, A. A. B. de M. et al. (Org.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002. p. 183-196.

RAMALHO, J. P. *Prática educativa e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RESENDE, M. E. L. de. *Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: o novo PRM (1889-1906)*. Belo Horizonte: UFMG/Proed, 1982.

ROSA, E. S. (Org.). *Bello Horizonte: bilhete postal*. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2010.

SILVA, A. de O. *Uma estrela que brilha na floresta: memórias de um educador batista*. Belo Horizonte: Colégio Batista Mineiro, 1996.

USARSKI, F. A geografia da religião. In: USARSKI, F. (Org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 171-198.

WEBER, M. A seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: WEBER, M. *Ensaios de sociologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 346-370.

Recebido em outubro de 2016.
Aprovado em novembro de 2017.